

INSTITUTO DE ESTUDOS EDUCACIONAIS	
CLASSIFICAÇÃO	TOMBO
DATA	RUBRICA
11/05/00	15212

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. A. Almeida Junior

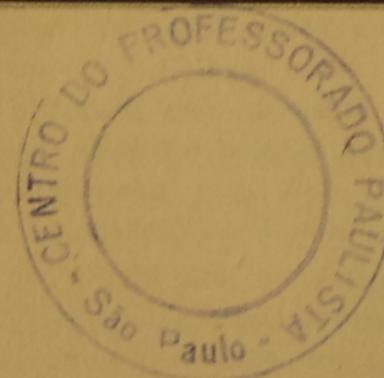
Prof. Léo Vaz

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

# O METHODO ANALYTICO

Prof. Arnaldo Barreto



**E**NCANECIDO no magisterio, e havendo nelle passado por todos os estagios, do mais modesto ao mais cheio de responsabilidades profissionaes, poderia parecer que, accedendo á imposição do meu amigo Roldão de Barros, para ser tambem parte nestas palestras sobre ensino de leitura, eu o fizesse com a pretensão de vir aqui falar dogmaticamente sobre o assumpto.

Não, senhores, e nem quero que demoreis nesse engano! Almejei, apenas, — e o confesso sem falsa modestia, — expondo as minhas razões, ouvir as vossas, para que em nosso espirito se faça, emfim, completa luz sobre o interessante problema, de molde a por elle beneficiar-se a infancia da nossa Terra!

E' fóra de duvida, antes do mais, que o problema é de difficil solução; e oxalá que desta vez o resolvamos!

Suas incognitas são por demais subtis para que possam facilmente vislumbrar-se!

A mim me parece que a Psychologia, sósinha, é impotente para dar-lhe o seu justo valor.

Si ella não arrimar-se na Psycho-physiologia e na Methodologia, e desprezar as optimas informações que lhe pódem e devem fornecer a Anthropologia, a Biologia e a Historiologia, perderá seu tempo... e seu grego!

Eis, pois, de quanta complexidade se reveste o problema do ensino da leitura pelo methodo analytico, para que se possa resolve-lo, assim, com duas razões...

Entretanto, direis, é o mais natural; é o unico que póde accionar, pela palavra escripta, o cerebro humano, tão exactamente como pela expressão oral foi elle accionado, desde os primordios da sua evolução!

E dizeis uma verdade! Mas busquemos a quantidade aliquanta que o possa interpretar, e que o interprete claramente, de maneira a não mais deixar duvidas no espirito dos seus antagonistas! Sómente, então, poderemos proferir o *quod probantur!*

Meus senhores. Maudsley, na sua *Physiologie de l'Esprit*, e Taine, no *De L'intelligence*, cream uma hypothese muito interessante sobre os phenomenos mentaes, que me permite explicar, com toda a clareza e conveniencia, a possibilidade de aprender a ler uma criança pela sentença, sem que, nesse passo, lhe seja mister o conhecimento das combinações syllabicas.

Será, pois, na theoria de ambos que eu vou buscar a minha quantidade aliquanta para forrar as convicções, que tenho, quanto á superioridade do methodo analytico sobre os seus concorrentes.

O illustre Dr. Sampaio Doria já expoz aqui, e aliás com toda a proficiencia, como se transmittem ao cerebro, e se combinam psychicamente — porque não dizer physicamente, tambem? — as sensações varias que a elle lhe chegam do mundo exterior. Mostrou onde se acham localisadas individualmente as estações registradoras dessas impressões, e como estas se ligam para produzir a *idéa*, revestida das suas qualidades immanentes.

Bellissima hypothese, na verdade, mas carecente ainda, para maior clareza, a meu vêr, de um centro commum, onde permaneam para todo o sempre armazenadas essas idéas, e possam ser intencionalmente accionadas quando da exteriorização de actos da intelligencia ou da vontade.

Sem este centro commum não é possível explicar muitos dos phenomenos psychicos, como esses que deixaram, no espirito do digno director da Escola Normal, duvidas sobre a possibilidade do ensino da primeira leitura pelo methodo analytico.

Não é difficil conceber, senhores, uma estação central, de telegraphia, digamos — com apparatus mais aperfeiçoados do que os das estações auxiliares, de que a todo o momento, e incessantemente, recebe informações minuciosas do que se passa em cada ponto e em cada logar.

O aperfeiçoamento consistiria, porventura, em poder cada apparatus registrar ligadas, relacionadas, unificadas, em summa, as informações, qualitativamente differentes, provindas, num só tempo, das varias estações subsidiarias.

O conjuncto das informações, assim corporificadas, formaria a unidade da coisa transmittida.

Transportemos essas estações e esse apparatus para o cerebro humano.

Aqui é a estação auditiva, especializada para a recepção e transmissão de sons; alli, a visiva; além, a motiva; e algures, a olfactiva, a táctil, a barica, a da calorição, a da electriciçã, e todas projectando os seus fios de communicação para a ultrapotente

estação central, onde se elaboram, no registro unificado das informações subsidiarias, a idéa — o Pensamento, que é a força maxima do dominio do homem sobre a Terra!

Essas, meus senhores, as estações primitivas do cerebro de Caliban, quando ainda vivia no recesso das cavernas, a devorar a carne palpitante da victima que, havia pouco, abatera.

Mas, Caliban, no decorrer dos tempos, descobre o fogo — que, clareando-lhe o abrigo, lhe illumina de novas luzes o cerebro; aprende a falar; aprende a desenhar; e, finalmente, a ler e a escrever, — a sua suprema conquista para a obra da sua propria civilisação.

As novas funções especialisam-lhe novos orgãos, cream-lhe novas faculdades acquisitivas no dominio da intelligencia, e no seu cerebro se formam novas estações para esse mister, cujos fios nervosos se cruzam e entrecruzam na entrosagem do apparatus geral.

Devassemos, agora, com os olhos da imaginação, o recesso mysterioso dessa estação central, isto é, da séde da ideação; e vejamos como elle se apparatus para receber as noticias que lhe chegam ininterruptamente de todas as regiões do cerebro.

Ei-lo repleto de cellulas nervosas, os neuronas — que emittem fibras para todos os lados, constituindo o seu avultado numero (centenas de milhões, affirma-se) uma massa branca, compacta. Comquanto semelhantes, e embora lado a lado, parecem, todavia, differenciar-se pelas suas sympathias especificas.

Uns melhor vibram sob a impressão das côres; outros, pela do som; outros pela do tacto, etc.; aptos, portanto, individualmente, para receber a noticia da estação de sua respectiva affinidade.

Eis chegam, num dado momento, e conjunctamente, informações transmittidas pela visão, pela audiçã e pelo centro do tacto. Os tres neuronas, que as recebem, logo se unem e se communicam pelas suas fibras, formando o conjuncto da noticia transmittida; isto é, a idéa, na essencia de todas as suas qualidades.

E, desde esse momento, affirma-o Maudsley, adquirem esses tres neuronas a propriedade de nunca mais poderem desligar-se para se associar com outros neuronas quaesquer.

Tornam-se um *cliché*, no dizer de Taine, e a base physica da memoria, o qual, se pudesse ser excitado por meio de um mesmo agente — a electricidade, por exemplo, — reproduziria os mes-

mos estados de consciencia, sem a minima acção da luz ou de objectos exteriores.

A qualquer momento que a attenção interna vá buscar essa informação, para esclarecimento da consciencia, lá a encontrará completa, fornecida pelo circuito nervoso dos mesmos tres neuronas, e a vibrar, no seu conjuncto, as informações recebidas, ao constituir-se, das respectivas estações subsidiarias.

E outra propriedade interessante: cada uma das informações recordará sempre as outras com que se fundiu.

Supponhamos, para illustrar a hypothese, que a idéa formada foi a de uma laranja. Ella, a idéa, constituiu-se associada das impressões da forma, da côr, da dureza, do perfume, e do gosto característicos dessa fructa, transmittidos, respectivamente, ao centro de idéação, pelas estações da vista, do tacto, do olfacto e do paladar. Pois bem. Recordada essa idéa, pelo cheiro, apenas, immediatamente surgirão á memoria as demais qualidades que a individualizaram. E o mesmo se dará com qualquer outra das sensações.

Os neuronas ligam-se, pois, para formar idéas, mas seus varios aggrupamentos tambem se ligam, embora com menor força de associação, para formar o juizo, que é, na verdade, a unidade do pensamento.

Affirma-o Adolpho Coelho, eminente ex-professor de Glottologia no Curso Superior de Letras de Lisbôa.

"Os verdadeiros elementos da linguagem humana, diz elle, não são as *palavras isoladas*, mas sim *as proposições*, e estes elementos são exclusivos da verdadeira linguagem, expressão theoretica do pensamento."

Psycho-physiologicamente falando, as associações neuronicas de qualidades só têm, pois, a sua expressão verdadeira, quando reunidas, ligadas, associadas com outras aggremações semelhantes, formando um circuito mais vasto, que possa traduzir, ante a consciencia, todas as modalidades dos seus elementos constitutivos.

Tendes, senhores, ahí, uma theoria clara de como se formam e se formaram no cerebro as idéas e os juizos.

Essa hypothese, ainda não sobrepujada, e em que se vão enquadrando, á justa, todos os novos factos psychologicos recentemente observados, delinêa a marcha a seguir na educação mental da criança, e é sómente no seu contexto que se poderá

apoiar valentemente para explicar a excellencia do methodo analytico para o ensino da leitura.

Para prova-lo tenho de conduzir-vos de novo á caverna de Caliban.

Surprehendamos o taciturno animal, sósinho, apathico em sua digestão, sentado a uma pedra, no escuro do recinto que escolheu para abrigar-se dos insultos das intempéries e dos ataques dos outros animaes!

Medita?

E porque não?

A lucta pela existencia já lhe creára no cerebro um mundo de idéas, um oceano de pensamentos indecisos, que nelle tumultuam em tempestades incontidas.

Suas necessidades physiologicas da fome, da sêde, do coito, ja lhe produziram discernimentos esclarecedores da razão incipiente!

Não sabe, porém, externa-los ainda. Falta-lhe ainda a palavra, o *abre-te, sésamo!* das profundezas da alma, onde tão rico thesouro se acha amontoado!

E' sómente por um grito ou por uma interjeição que elle logra traduzir os seus éstos de prazer, de dôr, de vingança, de amôr!

Mas seu cerebro é já um rico escritorio de maravilhosas scintillações, que ninguem todavia lograria perceber, senão apagadamente, na rudeza da rouca voz!

Mas, vem um dia em que, roçando inconscientemente, um ao outro, dois pedaços de madeira secca, do attrito salta uma fagulha; depois, uma chamma, que o illumina, e o penetra até os refolhos da alma.

Acredita Oliveira Martins que a luz e o calor, augmentando, então, a Caliban o seu dominio no mundo physico, accresceram-lhe igualmente a capacidade mental, e foram, talvez, o grande choque que lhe abriu o caminho da fala!

Mas, qualquer que fosse essa causa ou esse momento, o certo é que cada palavra proferida era já sempre o signal exterior do conjuncto de impressões que lhe povoavam a mente, isto é, era o signal da idéa.

Uma idéa não pôde, porém, nunca subsistir desacompanhada de outras idéas, a que se acolcheta para formarem juntas um conceito, um juizo, uma proposição.

Porque não se pôde nunca adquirir um conjuncto de impressões fóra do espaço e do tempo.

E é esse o motivo por que Adolpho Coelho conclue ser a posição e não a palavra o elemento do pensamento.

Agora, meus senhores, no decorrer dos tempos, incarnadas as idéas nas palavras, de que são, como se viu, o motivo e a essência, os homens se transmittem por ellas todas as suas sensações, e todas as impressões e volições.

E tão perfeitamente e facilmente se ajustaram estas, áquellas, que, para raciocinar, elle deixou que a palavra lhe invadissem o cerebro, e trabalhasse todas as combinações do pensamento, em vez das impressões que ella nomeia!

Seu cerebro conseguiu, assim, agir mais prestamente, e perscrutar o amago mais recondito das coisas.

Mas, ainda um outro grande surto lhe creava a palavra: de um lado, o de fixar, por ella só, no cerebro, o conjuncto das impressões que synthetisavam; e, de outro, o de poder, tambem por ella só, recorda-lo, no momento opportuno, para faze-las entendidas do auditor a quem queria transmitti-las.

E essa foi a magia da palavra articulada: uma voz, mais ou menos longa, transmittindo de cerebro a cerebro, de labios para ouvidos, o trabalho mysterioso dos orgams do pensamento...

Não devo ir mais além, em minucias, para não exgottar de todo o poder de vossa attenção. Resta-me ainda estudar outras faces do problema, e ella me é mistér ainda.

Meus senhores. Caliban necessitou, um dia, fixar concretamente, para seu regalo, ou para fazer-se melhor entendido de seus semelhantes, a idéa, o pensamento, que lhe animavam o cerebro, e para cuja transmissão já lhe não bastava a palavra articulada. Tomando, então, de um agudo pedacinho de silex, riscou, — sobre um osso ou sobre o tronco de uma arvore, — o contorno da imagem que memorisára, e que tanto o impressionára.

Saiu um animal a correr; um sol em seu zenith; um crescente de lua; um passaro a voar; mas tudo imperfeito ainda de delineio, com as imperfeições dos traçados manuaes das crianças que ainda não têm ajustados os movimentos musculares ás representações mentaes!

Mas, outros, que os viam, comprehendiam-nos. Diziam-lhes os nomes; e quando por sua vez, queriam significar essas representações, tambem as traçavam, bem ou mal.

Dahi nasceram, porventura, as primeiras idéas da possibilidade e utilidade da representação symbolica do pensamento, pela linguagem escripta.

No inicio, seria apenas o contorno da coisa representada, o que se esboçava. Depois, mais tarde, as qualidades intrinsecas dessas coisas.

E a representação puramente symbolica augmentou-se de novos elementos, transformando-se na representação ideographica.

Desenvolvidas e educadas e ajustadas as impressões do centro cerebral da palavra falada ao da escripta, permittiu-se, afinal, o homem, — com os phenicios, diz-se — crear a escripta phonetica, em que cada elemento da palavra fosse representada por um phonema.

Mas, qualquer dessas representações graphicas não deixou nunca de ser o que sempre foi de seu inicio — a synthese de impressões, isto é, o symbolo das idéas e do pensamento!

A linguagem, como se viu, é, com palavras de Adolpho Coelho, “o resultado de um largo desenvolvimento, e atraz da phase proposicional existiu um periodo rudimentar em que a linguagem começou por se não distinguir da semica animal, um periodo de manifestações immediatas emocionaes, que, bem longe de desaparecerem nos periodos seguintes, continuam a seguir, ainda hoje, ao lado das manifestações da linguagem propriamente dita. As condições naturaes da evolução da semica na humanidade, que a anthropologia busca determinar em toda a sua extensão, consistem especialmente:

1.º — na attitude erecta, que permite o jogo delicado do aparelho respiratorio;

2.º — na perfeição da larynge, em que se nota sobretudo o desenvolvimento e varia mobilidade das cordas vocalicas;

3.º — no desenvolvimento do cerebro em geral, e, em especial, de certas partes que na linguagem tem particular importancia.”

A significação do desenvolvimento cerebral comprehende-se bem quando se observa o notavel desenvolvimento do aparelho de phonação de muitas aves, a capacidade que algumas tem de reproduzir a palavra humana, e ao mesmo tempo o facto que essas condições não bastaram para o desenvolvimento de uma linguagem, apresentando esses animaes cerebro pouco desenvolvido, não só pela massa, mas pela falta de circumvoluções corticaes, tão ricas no homem”.

Onde a anthropologia acaba, começa a psychologia, no estudo da linguagem."

Pois, o que a anthropologia affirma, a criança o confirma, ante as observações da psychologia.

Ella reproduz, resumidamente, na sua evolução mental a longa historia phylogenetica de Caliban.

Mas já lhe leva, desde o nascer, uma grande superioridade: a trama nervosa de suas circumvoluções corticaes tem latentes todos os elementos para o trabalho da intelligencia, os quaes se entrosam perfeitamente ajustados, como uma machina completa a que apenas faltasse a energia para executar o complexo de seus movimentos coordenados!...

O longo atavismo de suas funcções imprimiu-lhe todas as capacidades para adquirir, combinar, analysar, e comparar idéas.

E' positivamente uma machina perfeita, a que apenas falta energia para funcionar; energia que se vae, pouco a pouco, desenvolvendo e augmentando, com a experiencia adquirida no meio em que vive.

De zero a um anno, não fala ainda, mas instinctivamente já se faz entendida pelos gritos, pelos gestos, pelo olhar, pelo choro.

De 1 a 2 annos, começa a andar, toma a posição erecta, o que lhe é de grande valor para o desenvolvimento da fala; já sabe nomes para distinguir pessoas, animaes e cousas. Afastada delles, reconhece-os na sua consciencia, quando os ouve pronunciar. Si ainda não emite sentenças integraes para externar seus juizos, suas emoções, suas volições, é sómente porque ainda se não adaptou aos organs vocaes, ainda imperfeitos e inexperientes, o conjuncto dos sons combinados que os sóem representar.

Mas, já o faz do 2.º ao 3.º anno; e ponde-lhe agora um lapis na mãozinha: vereis a graça com que tenta esboçar, embora indecisamente, a figura humana, cujas pernas faz nascerem da cabeça!

Do 3.º ao 4.º anno, ei-la já palradora: relata, com precisão de termos, o que vê e o que não vê, dando surtos á imaginação vivaz. Cada idéa, no campo restricto de sua observação, já a externa ella com o nome perfeitamente ajustado.

Do 4.º ao 5.º, as mais precoces aprendem a lêr, comquanto seja isso um crime perante a psycho-physiologia. Mas essa capacidade adquirida tem uma significação formidavel para o problema que nos preoccupa. Mostra quanta potencia adquire um cerebro, entregue apenas aos seus naturaes processos acquisitivos.

Do 5.º ao 6.º augmenta-se essa capacidade, até aos 7 annos, quando ingressa na escola.

E' agora que vae começar a sua alleluia ou o seu martyríol....

Como veio ella, até esse momento, desenvolvendo a sua capacidade mental?

Exactamente como o fez Caliban.

Seus sentidos impressionaram-se com o objecto no espaço e no tempo, e o todo impressou-se-lhe na trama nervosa cerebral—, fe-la vibrar, formando o juizo, ou o circuito neuronico associado que, dahi para sempre, o representará.

Quando adquiriram seus organs vocaes a capacidade bastante para o traduzir pelo som articulado, a cada idéa ajustou um nome e a cada juizo uma proposição.

Sua vista e seu ouvido, principalmente, e os organs dos demais sentidos, attingiram, pouco a pouco, nesse trabalho espontaneo de auto-educação, um relativo aperfeiçoamento, que lhe permittiu entrar, apenas pela palavra oral, em commercio intellectual com os seus semelhantes.

Mas esse aperfeiçoamento tem de ser agora impulsionado: é mister que ascenda ao ponto de apprehender, tambem, pelos olhos, os pensamentos de outrem com quem não se acha em relações mediatas, e que lhe são mais preciosos, talvez, porque mais meditados; assim, tambem, transmittir-lhes os seus, na collaboração pelo progresso social. E'-lhe preciso, em summa, saber lêr, e saber escrever.

Estrangeiro no novo mundo em que entra, ella confia que lhe continue o professor a educação mental, como lh'a veio fazendo a natureza...

Mas, arrumam-lhe logo um — *pa, pe, pé, po, pu, pão*; um — *ma, me, mi, mo, mu, mão*, — de que não encontra um unico echo na experiencia intima do seu cerebro.

Quando essas combinações phonicas, á força de repeti-las, lhe ficam nos ouvidos... e só ahí ficam, porque não praz a estes envia-las para o centro de ideação, com o qual, aliás, não negocia a varejo — pespegam-lhe: *ave, oro, ura, voró, voró* — coisas ainda abstractas, porque a criança não sabe a que idéas proprias deverá ajusta-las para esclarecimento de sua consciencia. E, finalmente, as inexpressivas proposições: *A ave vó; A voró vé a ura; O voró é viuvo*, etc., etc., em cuja leitura arrastada parece a pobrezinha soffrer da gaguez!

Pergunta-se: Quando a criança consegue lêr estas sentenças? chega-lhe rapidamente ao entendimento o que ellas exprimem, como o exigem os habitos naturaes do seu espirito?

Pois, não se viu que o ouvido retém o som, porque sente que a vista e a recordação de outras sensações também se recusam a enviar qualquer informação combinada ao centro de ideação?

Não, meus senhores, a sentença só attinge o seu centro de ideação, para formar, aliás, um fraquíssimo circuito nervoso, depois de uma inspecção de suas partes, pelo ouvido e pela vista. Ao contrario do que succederia, si cada palavra por elles transistasse levando nella impressa a imagem graphica ou phonica da idéa...

Prestae attenção ao syllabar a criança o vocabulo — cavallo.

Enuncia ella intervalladamente: caval-ló; para só depois, reconhecida no conjuncto a sua significação, e após uma rebusca no centro de ideação, repeti-la como a enuncia, quando a emprega para exprimir um juizo proprio.

Significa isto que o cerebro só nesse momento, gasto um segundo para o reconhecimento, é que a recebe como idéa.

Ora, é esta marcha contraria virtualmente á que seguiu a natureza para ajustar primeiro o objecto á idéa, e depois a idéa á palavra falada, e, depois, a palavra falada á escripta.

O methodo phonico, portanto, porque contrario ao processo espontaneo da representação mental, é incoherente, é absurdo. E, o que é peor, desenvolver habitos mentaes contrarios aos que a natureza, em milhares de annos, creou e fixou.

Invertamos, agora, a ordem do ensinamento, para melhor estuda-lo.

Supponhamos que a criança enunciasse, e nós escrevessemos á sua vista, no quadro negro, a mesma sentença:

A vovó viu a ave.

Desde logo, ella corresponde a uma representação exacta do seu espirito. Cada palavra das que a formam tem uma idéa exactamente definida no seu centro de ideação.

Vovó é o ser do seu conhecimento, que a acaricia, que a assiste nas suas dôres, que lhe conta historias de fadas, que a embala, emfim, no regaço para a adormecer. E' uma palavra dominada, de sentido conhecido, pois, e, por esse motivo, lhe é querida.

No methodo phonico, que é que a mesma palavra representaria ao seu entendimento: a méra reunião de sons eguaes — *vóvó!* — fria, inexpressiva, pronunciada sem a doçura da amizade...

O *a* individualisa a vovó. E' a *minha vovó*, o meu orgulho, a minha alegria!

E o sentido emocional, que lhe despertam estas sós palavras, estende-se ás outras, nimba-as de uma doce claridade.

O *viu* a alegre, porque acredita que, com este acto, também sua vovó se alegrou!

*Ave* assume, ao calor da sua emoção, um novo aspecto, uma nova plumagem... não a do urubú, que o mesmo vocabulo, quando syllabado, parece recordar.

Na sentença — *a vovó viu a ave* — cada palavra é realmente uma palavra, porque tem um sentido, tem uma vibração emocional; e a imagem de cada uma dellas corresponde exactamente á idéa que lhe emprestou a criança ao enuncia-la.

E é isso que nos permite escreve-las, depois, em columnas verticaes, para a analyse — da sentença, como a imagem, sim, de um juizo; mas para se considera-la materialmente, como por ahí deploravelmente se acredita!

E não é assim que o espirito se debruça sobre si mesmo para estudar as partes do juizo que produziu?

Ademais, é indeclinavel ajustar cada um a cada um, e todos em conjuncto, os quatro elementos que constituem a totalidade da palavra, isto é, o ouvido, a impressão labial, a imagem visual, e a impressão muscular: ouvir, enunciar, vêr e escrever.

A cópia, portanto, completará o conhecimento da idéa em todas as suas formas de expressão.

Feito este trabalho de ajustamento, que prejuizo haveria que se analysasse — agora, sim, materialmente — o vocabulo em seus elementos?

Será que se esqueça que a graphia do vocabulo pelos seus elementos phonicos, é méro artificio da habilidade humana, para representar, com o menor numero de signaes combinados, a totalidade dos seus pensamentos, exactamente como, com reduzido numero de signaes, se representam todas as combinações melódicas e harmonicas da inspiração musical, ou todos os calculos do seu raciocínio?

Que importa, pois, que se chegue até essa analyse, se já não prejudica, antes, auxilia, um mais rapido dominio da idéa incarnada na palavra?

O que se queria conseguir, já se havia conseguido: fazer a criança lêr, em cada sentença e em cada palavra, o juizo e a idéa que nellas se ajustaram e se imprimiram, — e pelo mesmo processo

natural por que o espirito as incorporou no plexo do seu centro de ideação.

O que se queria conseguir, já se havia conseguido: faze-las também representadas pela sua imagem graphica, exactamente como as representava Caliban ao inventar-lhes a imagem symbolica ou ideographica.

E mais que tudo, por esse processo se chegara a pôr perfeitamente combinados os quatro elementos da palavra, agilizando e avigorando os quatro centros informativos correspondentes: o do ouvido, o da impressão labial, o da imagem visual e o da impressão muscular.

Eis ahí, senhores, e relevai-me que tão prolixamente eu a expuzesse, a, para mim, verdadeira doutrina, justificativa da superioridade do methodo analytic para o ensino da leitura.

Lêr, não é, como parece acreditar os seus desaffectedos, uma simples enunciação de sons combinados, para o que se exige o aprendizado prévio de taes combinações; — lêr — é apreender o pensamento, e sentir a emoção, de um autor, na palavra escripta por elle empregada para os vehicular.

Quem lhe não apprehende, ao lêr, o pensamento, nem a emoção, na vibratibilidade com que elle os vasou em suas imagens graphicas, não lê, não sabe lêr: solfeja, apenas, desharmonica e desafinadamente, os sons dos phonemas!

Para que melhor verifiqueis a verdade da minha doutrina, vou, com o auxilio destas gentis crianças, expo-la praticamente em uma lição, alli, no quadro negro.

Concluindo:

1.º — A finalidade do ensino da leitura é conduzir a criança a ler, na sentença e nas palavras, o pensamento e as idéas de que são o vehiculo, com a mesma vibratibilidade com que nellas os vasou o autor, no momento de sua producção.

2.º — O juizo, de que é a imagem a sentença, é a unidade do pensamento. E por ser a sentença, psychologicamente considerada, a forma mais simples e concreta da sua expressão escripta, por ella deverá ser iniciada a criança no aprendizado da leitura.

3.º — Para verificar si, na constituição dos juizos, bem se ajustaram as suas idéas componentes, a consciencia costuma analysa-las separadamente, uma a uma. Ora, sendo a sentença a imagem do juizo, e cada palavra a expressão escripta da idéa, o methodo que segue essa marcha do espirito, isto é, que estudada a sentença, lhe estuda as partes, não tem outro termo que melhor o exprima do que o qualificativo-analytico.

4.º — A primeira analyse, portanto, que se faz, ao ensinar leitura pelo bem denominado methodo analytic, é psychologica, e não material, ou graphica, como erradamente se lhe attribue.

5.º — A criança tem consciencia do som-palavra com que nomeia cada uma de suas idéas. Mandando-a proferi-lo vagarosamente, ella fatalmente só o poderá fazer pelos seus elementos phonicos, que são as syllabas. Ora, desde o inicio, o ensino da leitura pelo methodo analytic foi um ajustamento de juizos a sentenças e de idéas a palavras. Era o essencial para a finalidade da leitura, como se definiu. O ajustamento, sem nenhum inconveniente, porque a elle já trenada a criança, poderá ser agora continuado, pois, de cada parte da palavra, ou de cada syllaba que a integra.

6.º — A imagem graphica da palavra é um puro artificio da habilidade humana. Assim, pois, é mister que o aprenda e o maneje a criança para as suas futuras relações sociaes. O meio facil para o conseguir, será o jogo de combinações varias, com os elementos já conscientemente aprendidos, para a formação de novos vocabulos. A synthese tem, pois, seu logar, no desenvolvimento do methodo analytic.

7.º — Representando o estudo da sentença e da palavra (reconhecimento); da syllaba (isolada e recombinação); e, emfim, da letra, — diferentes graus de esforço psychico — a marcha do methodo-analytico no ensino da leitura tem necessariamente, fatalmente de ser dividida por etapas correspondentes. Censuravel seria que o não fizessem, e perturbassem a marcha natural de desenvolvimento do espirito da criança.

8.º — Sendo a linguagem a expressão do pensamento por meio da fala, da mimica, do desenho e da escripta — é positivo que o aprendizado dessa expressão pela leitura e pela escripta, também é estudo de linguagem. E, mais, é o estudo da linguagem no sentido inteiro que lhe empresta a Pedagogia.

9.º — Por se não ter bem comprehendido o espirito do methodo analytic, confundindo-o com o americano, da palavrão, isto é, querendo ensinar-se a ler pela repetição contante de uma pequena série de vocabulos, é que se ha verificado o malsinado fracasso na porcentagem das promoções.

10.º — Embora trabalhoso, é o methodo analytic o mais facil de ser applicado ao ensino da leitura, e o que maiores resultados dá praticamente, no sentido do desenvolvimento intellectual da criança.

corre limpidamente dellas. Não é prova que baste, persuada e se imponha, o argumento puro e simples de auctoridades universaes, contra o granito macisso e luminoso das razões que desafiam. O argumento que prova e convence, tem de decorrer da natureza do objecto sobre que se discute, tem de constituir-se de factos inequívocos, observações cautelosas, inferencias rigorosamente logica. As méras opiniões pessoaes, os argumentos de méras auctoridades, por mais *norte-americanas*, não valem nada, contra a inteireza sem jaça dos factos reaes, e a solidez luminosa das razões impereciveis. Estamos que não poderão os negadores da intuição-analytica, como methodo unico de ensino, converter milagrosamente em erro palmar a verdade *crystallina*, nem tão pouco transfundir em lucida verdade o erro profundo em que se debatem.

(*Continúa*)

## O CHAMADO "METHODO ANALYTICO" NO ENSINO DA LEITURA

Prof. Renato Jardim

Director da Escola Normal  
da Capital

A O iniciarmos as desprezenciosas considerações aqui apresentadas sobre o "methodo analytico" no ensino da leitura e alludindo ás duvidas nutridas no nosso espirito ácerca da legitimidade da theoria com que esse processo de ensino se apresenta entre nós e sobre a legitimidade com que, em nome della, se proscreeve todo e qualquer outro processo de ensinar a ler, diziamos estas palavras: "Confessar taes duvidas — não nos illudimos — é dar demonstração de argucia escassa, pois que o assumpto, parece, é de clareza *crystalina* para todos"...

Previramos, pois, os factos que aqui se deveriam passar, os riscos a que então nos expunhamos. Pouco faltou, com effeito, para que neste recinto, almas generosas, ao appello da nossa confessada ignorancia, não nos impellissem carinhosamente para o banco da escola, e ahi não cuidassem de nos reensinar a leitura... pelo "methodo analytico"!...

E' que não bater palmas, olhos beatificamente cerrados, á douta theoria, não revelar quente e ruidoso entusiasmo pelo que na pratica se recolhe da adopção intolerantemente exclusiva desse "methodo", é dar de si mesquinha conta perante a pomposa pedagogia reinante.

Não foi pouco — antes, como graça especial, aqui agradecemos — que consagrados mestres, emprestando-lhes valia que não tinham, das nossas modestas considerações fizessem, para honra nossa, objecto de debate.

Andámos a arriscar-nos neste amistoso, mas didacticissimo ambiente, carregado á saturação da bella e aristocratica pedagogia do ensino da leitura, a mover de corações bondadosos... a sympathia apiedada que de natural é ter para aquelles que sorte crudelissima privou da luz dos olhos.

Felizmente que é transposto tão arriscado passo! Se uma eiva de vaidade toldasse os intuitos com que ousámos suscitar este